

ARTIGO

(DES)FRAGMENTANDO UMA
NARRATIVA SOBRE A VIDA
ACADÊMICA DE NIZE ISABEL
DE MORAES, HISTORIADORA
DA *PETITE CÔTE*

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA LOPES

Universidade Federal do Sul da Bahia

Itabuna | Bahia | Brasil

senegalbrasil48@gmail.com

orcid.org/ 0000-0002-9967-8801

O artigo pretende problematizar e aprofundar uma análise do lugar de enunciação de Nize Isabel de Moraes na historiografia da Senegâmbia, pontuando suas contribuições e limites à luz das orientações historiográficas da Escola de Dakar. Embora este exercício já tenha sido realizado em textos publicados anteriormente, neste nos detemos mais na teorização da historiografia da Senegâmbia, assim como no desenho da cronologia de sua trajetória enquanto historiadora do Ifan (Instituto Fundamental da África Negra, da Universidade de Dakar, atual Universidade Cheikh Anta Diop-UCAD). A cronologia foi elaborada a partir de dados dos “arquivos depositados” na UCAD.

História, Senegâmbia, Mulher Negra

ARTICLE

(DE)FRAGMENTING A
NARRATIVE ABOUT THE
ACADEMIC LIFE OF
NIZE ISABEL DE MORAES,
HISTORIAN OF
THE *PETITE CÔTE*

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA LOPES

Universidade Federal do Sul da Bahia

Itabuna | Bahia | Brasil

senegalbrasil48@gmail.com

orcid.org/ 0000-0002-9967-8801

The article intends to problematize and deepen an analysis of the place of enunciation of Nize Isabel de Moraes in the historiography of Senegambia, punctuating its contributions and limits in the light of the historiographical guidelines of the School of Dakar. Although this exercise has already been carried out in previously published texts, in this one we focus a little more on theorization of the historiography of Senegambia, as well as on the design of the chronology of her trajectory as a historian of Ifan (Fundamental Institute of Black Africa, University of Dakar, current University Cheikh Anta Diop-UCAD). The chronology was elaborated from data from the “archives deposited” at UCAD

History, Senegambia, Black Woman

Dia 02 de fevereiro foi aniversário de Nize Isabel de Moraes, uma historiadora brasileira. Nossa historiadora paulista, nascida em Bauru (1938), faria 85 anos em 2023. Nos emocionamos com esta memória do aniversário de Nize e começamos novamente a escrever um terceiro texto para celebrar sua existência e reivindicar o direito à memória desta mulher negra, produtora de memórias de si, dos outros e das experiências coletivas. Nize deixou um arquivo com fragmentos da sua vida: cartas, rascunhos de artigos, dissertação, tese; documentos de cunho pessoal e trabalhista, correspondência entre a Secretaria da Educação do Brasil e a Embaixada brasileira no Senegal, fotos, documentos reveladores de traços das suas relações íntimas, familiares, públicas e institucionais. Enfim, o seu arquivo armazena dados, sobretudo, da sua carreira de historiadora e do seu projeto como “intelectual negra”, um projeto que sofreu rachaduras pelas barreiras encontradas na carreira acadêmica e, sem dúvida, pelas condições físicas da historiadora.

A escrita dos seus diários e documentos questionou o espaço de poder e clamou, principalmente, por condições dignas e qualificadas para exercer a profissão de historiadora. Ainda no contexto de análise das comunicações entre o Ifan e Moraes, registramos uma pergunta que ela fez para Amar Samb, então diretor do Ifan: “superamos as tiranias do reitorado?”. Reconhecemos que ela foi precursora no estudo da região da *Petite Côte* e, ainda, para usar a expressão do historiador brasileiro Paulo Farias, “um pacotinho de energia andante”. Em entrevista para esta pesquisa o professor Farias fez o seguinte comentário sobre Nize, quando a conheceu do outro lado do Atlântico:

Quando penso em Nize vêm duas imagens à minha cabeça. Imagens opostas. A primeira foi quando a conheci, em 1967, em Dakar no próprio Ifan, e a segunda, muitos anos depois, em 2004, eu estava vindo de Tombuctu, de uma conferência que houve lá, estava vindo ao Senegal, justamente, para uma conferência em homenagem a Guy Thilmans. Nesta conferência eu me encontrei com Lilyan Kesteloot, que foi uma amiga de Nize. Ela era belga também, como Thilmans, conhecia Thilmans muito bem, se dava com Nize e foi ela quem me disse: “olha, Nize está num endereço tal”. É um endereço que você deve conhecer, em uma rua próxima à *Place de l'Indépendance*. Fui lá com minha esposa Karin, me encontrei com ela, mas ela estava completamente diferente. A primeira vez que eu a conheci ela me parecia um pacotinho de energia andante, você podia sentir a energia dela, a maneira de falar, andar. Mas, em 2004, ela estava diferente. (Entrevista realizada em dezembro de 2022)¹

¹ Entrevista realizada em 7 de dezembro com o professor Paulo Farias a quem agradecemos pela gentileza em nos conceder uma entrevista substancial com novas abordagens teóricas para a escrita deste e de outros textos e artigos. Farias publicou, entre outras obras, o livro *Arabic Medieval Inscriptions from the Republic of Mali- Epigraphy, Chronicles and Songhay Tuareg History* (Oxford, The British Academy and Oxford Press, 2003). Ele é professor Honorário da Universidade de Birmingham, membro da Academia Britânica e saiu do Brasil em consequência do estabelecimento da ditadura militar em 1964.

Retomamos o depoimento de Paulo Farias, do historiador Paulo Fernando de Moraes Farias, um africanista especialista em fontes epigráficas da História Medieval. Ele conheceu Nize no Senegal. Farias nos informou que, na sua primeira viagem ao Senegal, sua intenção era chegar em Gana, mas o avião parou em Dakar. Todos os aviões que vinham do Brasil paravam em Dakar. Não havia aviões diretos Brasil-Gana. Então aproveitou a oportunidade para encontrar gente conhecida na Universidade de Dakar e queria conhecê-la. Foi uma passagem que durou em torno de um mês. Em seguida foi para Gana cursar seu mestrado sobre os almorávidas, um movimento que aconteceu no Sahara Ocidental, onde é hoje a Mauritânia, no século XI. Numa determinada ocasião, Farias fez uma conferência em Gana sobre os almorávidas e nela encontrou o diretor do Ifan, Vincent Monteil, que o convidou para participar de uma expedição na Mauritânia, visando encontrar vestígios arqueológicos dos almorávidas. Nesta expedição conheceu Cyr Descamps, outro parceiro do pesquisador belga Thilmans, no Ifan. (Farias, 07/12/2022)

De acordo com Farias, enquanto estava nesta expedição aconteceu a derrubada de Kwame Nkrumah e uma ditadura militar se estabeleceu em Gana, o que lhe fez pensar que “saiu de uma ditadura para cair em outra”. Depois da expedição na Mauritânia foi adicionado ao departamento de História, pelo professor Monteil. Thilmans era do departamento de proto-história e pré-história, como era Cyr Descamps. “E no fim era uma comunidade só”. Foi no Ifan que Paulo Farias conheceu Nize, onde trabalhou uns dezoito meses até partir para a Nigéria, onde iria ensinar História da África na Universidade Ahmadu Bello, na cidade de Zaria, no norte do país. No fim da jornada de trabalho na Nigéria, Farias tencionava voltar para o Brasil, mas o endurecimento da ditadura brasileira, com a proclamação do ato institucional, no 5, o fez mudar de ideia. Então se candidatou para ensinar na Inglaterra, foi aceito e seguiu carreira em Birmingham (Farias, 07/12/2022)

O historiador Abdoulaye Bathily², no livro *Passion de Liberté- Memories* analisou que o ano de 1967 foi um ano de intensa atividade intelectual na sua vida, no momento em que preparava o bacharelado e iniciou uma pesquisa histórica e linguística por meio de transcrições e traduções dos textos orais. Estes contributos foram possíveis graças às relações que estabeleceu com investigadores de todas as disciplinas. Ele se referiu a tradução do árabe para o francês da obra do historiador Al Bakri (1066), uma atividade empreendida dentro do Ifan, com uma equipe composta por vários pesquisadores e tradutores, entre eles Mokhtar Ould Hamidou, um erudito muçulmano; Paulo Farias do Brasil que trabalhava na tese dos almorávidas, Amar Samb, professor associado de árabe, recém contratado como chefe do departamento de Islamologia; Rwamne Mbaye e Mame Bara Mbacke, que analisavam o árabe na obra de Al-Bakri (Bathily 2022, 181)

Bathily citou outros nomes de investigadores que se encontravam no Ifan e com os quais teve relações calorosas, marcadas pela capacidade de escuta e observações. Entre estes citou os nomes dos sociólogos Yaya e Abdoulaye Diop, os linguistas Arame Fall, esposa de Abdoulaye Bara Diop,

² Abdoulaye Bathily é um historiador, professor da Ucad e político senegalês. Bathily foi deputado e ministro na presidência de Abdou Diouf no Senegal (1981-2000). Ele é autor de uma tese referente ao reino de Galam defendida em Birmingham (1975).

Pathé Diagne, Fatou Sow e o historiador Sekene Cissoko. Em suas palavras o professor Vincent Monteil conseguiu reunir no Ifan várias personalidades em desacordo com o regime dos seus países, tais como o famoso autor de *L'Enfant Noir* (Camara Laye), Boubacar Barry, um estudante refugiado da Guiné Conacry, matriculado como Bathily no departamento de história. Lílca Boal da Guiné Conacry, membro clandestina da direção do partido africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC); José Gonçalves, refugiado de Angola, membro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e tradutor de textos antigos da colonização portuguesa; Paulo Farias, já mencionado acima, historiador refugiado do Brasil; Nize Isabel de Moraes, também historiadora. (Bathily, 2022, p. 183). Nesta narrativa Bathily nos fez pensar que uma das razões para a saída de Nize do Brasil se justificou pelo desencanto com a situação política impetrada pela ditadura militar.

As declarações de bolsista nos dizem que Nize recebeu a primeira bolsa do Ifan em 1967. Em uma correspondência, de 6 de novembro de 1969, dirigida ao então diretor do Ifan, Amar Samb, encontramos os seguintes dizeres, escritos em francês, que traduzimos para este artigo:

Sou brasileira, solteira, tenho 30 anos. Sou licenciada em História pela Universidade de São Paulo, eu resido há dois anos em Dakar, onde eu aprendi francês e recebi um certificado em história africana. Estou terminando um artigo sobre *A tomada de Gorée no século XVII*, que deve aparecer no *Bulletin* de vosso Instituto. Eu gostaria muito de obter uma bolsa de pesquisadora no Ifan. Ela me permitiria contar e traduzir numerosos documentos portugueses que poderiam constituir a matéria de um mestrado consagrado à história da Senegâmbia no século XVII. A carta termina com os dizeres de esperança pela candidatura ao posto no Ifan e assegurando sentimentos respeitosos pelo diretor. (Folha Avulsa, Ifan, 1969)

Já formada pela USP (1959-1963), Nize fez uma especialização em História da África (Universidade de Dakar). Uma outra nota publicada pelo Ifan em fevereiro de 1970, e assinada pelo então reitor francês Paul Teyssier, explicou as relações de cooperação entre UCAD e França. Tendo em conta o acordo de cooperação entre a República do Senegal e a República Francesa, assinado em Paris, em maio de 1964, foi possível fixar bolsas de pesquisas para pesquisadores do Ifan. A mesma nota acrescentou que havia sido acordado uma bolsa de pesquisa para Nize Izabel de Moraes com a duração de 6 meses, entre fevereiro de 1970 e janeiro de 1971, para efetuar pesquisas de História da Senegâmbia, no século XVII, a partir de documentos portugueses.

Entre 1967 e 1977 Nize recebeu em torno de 4 bolsas como pesquisadora da Senegâmbia no Ifan. Na declaração de bolsa de 1967-1968, não foi possível perceber a qual Instituto ou Faculdade ela esteve vinculada. As bolsas vigoravam por seis meses no valor estimado de 60.000 mil francos por mês (hoje 64.000 mil francos equivalem a 100 euros). Já em 1972 era bolsista no Departamento de Antropologia Física. Na condição de bolsista, em uma carta direcionada ao Ifan, Moraes pedia desculpas ao Amar Samb por lhe escrever uma segunda vez, apontando necessitar de ajuda, assim como lhe informava que estava em Paris no *Musée de l'Homme* afim de fazer um estágio sobre as técnicas têxteis que lhe permitia, por conseguinte, estudar os têxteis artesanais e tradicionais do Senegal e encontrar uma renomada pesquisadora

dos tecidos, tratada em sua carta como Madame Boser. Madame Boser, segundo Moraes, havia defendido uma tese nomeada e, publicada recentemente, como *Les tissus de l'Afrique Occidentale*

Permita-me recordar que fui à Paris ao *Musée de l'Homme* para fazer um estágio sobre técnicas têxteis que me permitiria, mais tarde, estudar os têxteis artesanais tradicionais do Senegal. Assim que cheguei, este Instituto e o Professor Guiart informaram-me que o único local onde poderia realizar este estágio seria em Bâle: no Museu de Etnografia desta cidade, especializado na investigação dos têxteis da África Ocidental, incluindo os do Senegal. De acordo com M. Abdoulaye B. Diop, nada foi feito no Ifan sobre este assunto até agora. Tendo contactado Madame Boser, e dado que em breve ela partiria por algum tempo em viagem, tive de partir imediatamente para Balê, a fim de poder vê-la e discutir com ela o problema que nos interessa. Não pude avisar com antecedência porque tudo aconteceu muito rápido. A Sra. Boser achou o meu projeto de estudar os tecidos no Senegal extremamente interessante e necessário porque o seu trabalho até agora só se baseou na análise de tecidos africanos existentes em museus europeus, bem como na bibliografia. Para completar o conhecimento existente sobre os tecidos do Senegal, a pesquisa de campo é essencial. Esta senhora está pronta para me instruir sobre a tecnologia dos tecidos e sobre seus fundamentos históricos, mas para isso é preciso contar com um estágio de pelo menos três ou quatro meses no mínimo. Depois disso, poderia publicar no *Bulletin de l'Ifan* um artigo com o programa de trabalho a ser realizado com urgência no Senegal e sobre os métodos que se deve empregar para atingir esse objetivo. O levantamento de campo deve ser tecnológico e histórico. Amar Samb, meu Diretor, gostaria de trazer esse conhecimento de volta ao Senegal, ao Ifan. Você já me deu muito; principalmente ao nosso patrão, Sr. Presidente da República, meu “Padrinho” e seu amigo íntimo. Eu realmente acredito que o conhecimento necessário para isso só pode ser ensinado para mim em Bâle. Antes de escrever ao Dr Thilmans, eu gostaria de obter sua autorização. É muito importante. Eu aproveito a ocasião para perguntar como está a bolsa de pesquisadora. Superamos as tiranias do reitorado? Em caso afirmativo, é possível enviar esse dinheiro via Bank Bâle? Acabei de passar no mestrado e estou feliz por ter conseguido. Também assisti à tese do Sr. Oumar Ba sobre os *Peuls*, com Mauny e Person. Eu parabeno os dois porque nós tivemos a nota: *Bien*. Por favor, aceite, Sr. Diretor Amar Samb, meu amigo, a garantia de meus respeitosos sentimentos. (Folha Avulsa, Ifan, 1972)

Uma outra correspondência do Ifan, assinada por Amar Samb de 1972, revelou que Nize esteve no Museu Etnográfico de Bâle, em Augustinergasse (Zurique). Samb escreveu que recebeu duas cartas de Nize e que ficou sabendo da defesa de sua dissertação. Ele informou à pesquisadora do Ifan, que ela precisava retornar rapidamente ao posto de trabalho porque o Instituto se encontrava em dificuldades para pagar suas férias e, no que concernia à bolsa, era impossível pagá-la estando Nize fora do Senegal. Ele a aconselhava não gastar todas as suas economias na Europa e retornar ao Senegal rapidamente e finalizou a carta exprimindo sentimentos afetuosos por Nize. Em 1974 Nize publicou um artigo intitulado *Le commerce des tissus à la Petite Côte au XVI^e siècle* em *Notes Africaines*.

Em dezembro de 1977 o *Certificat de Prise de Service*, documento assinado pelo chefe do setor administrativo do Ifan, Ibrahima Ndoye, nos informou que Moraes foi nomeada para a função de pesquisadora associada do Departamento de História da Universidade de Dakar. Este foi o ano de doutoramento da pesquisadora na Sorbonne com a tese *À la découverte de la Petite Côte au XVII^e Siècle*, no *Centre de Recherche Africaines de l'Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne)*. Em 1979 fazia parte do segundo escalão como pesquisadora da Universidade de Dakar, no ano de 1981 alcançou o terceiro escalão, uma categoria considerada como *maître assistants*.

Em relatório destinado ao Departamento de Antropologia Física, Moraes realizou um balanço das suas atividades, nos informando no primeiro ponto deste balanço que, entre 1982 e 1985, se dedicou a narrar e traduzir as fontes históricas portuguesas, espanholas, relativa a *Petite Côte* dos séculos XVI ao XVII. Nize participou ainda de outra missão de trabalho na Guiné Bissau. No segundo ponto do balanço das atividades informou que frequentou o Instituto Nacional de Estudo da Pesquisa (INEP), entre os dias 10 a 18 de junho de 1985. O Instituto estava sob a direção do senhor Carlos Cardoso, subdiretor do INEP e coordenador do Centro de Estudos de História Contemporânea (CEHC). Nesta missão seu objetivo central foi recolher dados bibliográficos sobre a História do Senegal e da Gâmbia entre os séculos XVI e XVII para os arquivos do Ifan. Neste mesmo relatório a historiadora anunciou seu projeto de publicação de artigos e de um livro com 500 páginas centrado na história da Senegâmbia. Para isso iniciou abordagens com organismos competentes na intenção de obter colaborações para suas publicações. Entre outras atividades destacou as traduções:

- a) *Em português de uma parte da obra das coleções africanas para os adolescentes; outra parte dos documentos oficiais sobre o FESPAC 1987; participação nas reuniões de preparação do festival acima mencionado*
- b) *Em francês, dois artigos da pré-história brasileira... etc*
- c) *Participação em diversos programas de ORTS: jornal com emissão em língua portuguesa destinada ao público cabo-verdianos, guineenses e brasileiros em Dakar.*

Ao tentarmos reconstruir a cronologia das suas atividades, como mestre assistente, nos inquirimos se Nize estava satisfeita neste posto de trabalho. Nos encontramos parte da resposta em uma carta dirigida ao presidente Léopold Sédar Senghor, em 1982. Nesta carta Nize o agradeceu por ter alcançado o posto de auxiliar administrativa na Embaixada Brasileira no Senegal (1978) e revelou não estar contente com a sua condição de trabalho, reclamando das condições precárias das coisas e de ter perdido uma bolsa da *Fundação Léopold Sédar Senghor* em razão da partida do presidente do poder (1980). Ela desejava ser conduzida, com a ajuda de Senghor, ao cargo de Oficial de Chancelaria na Embaixada do Brasil, em Dakar, tendo em vista sua qualificação profissional (doutorado). Por conseguinte, avisou ao presidente que o seu dossiê, elaborado para se candidatar ao cargo de Oficial de Chancelaria, foi enviado para o Embaixador senegalês no Brasil e a Embaixatriz Simon Senghor. Tal dossiê também foi enviado para o Secretário Geral do Itamarati, João Baena Soares, mas permanecia sem resposta. Nize finaliza a carta afirmando que desejava encontrar o presidente Senghor antes

da sua partida ao Brasil, para lhe entregar exemplares da tese a ser depositada na biblioteca do Itamaraty.

A seguir apresentamos outro balanço das atividades do relatório destinado ao Departamento de Antropologia Física. Durante os anos de 1983-1984, Moraes, continuou suas pesquisas centradas na documentação portuguesa, relativas ao Senegal, a Gâmbia, Guiné Bissau, as ilhas de Cabo Verde e Brasil no século XVIII. Neste relatório descreveu novamente a missão de pesquisa a ser realizada no INEP da Guiné Bissau, argumentando que esta pesquisa contemplava ainda publicações de documentos inéditos da história da Guiné Bissau e do Senegal. Em colaboração com o Dr Thilmans, chefe do Departamento de Antropologia Física, preparava uma obra referendada em textos relativos ao século XVII do Senegal. Registramos outro relatório ancorado no balanço das atividades realizadas entre 1982-1987 no Departamento de Antropologia Física. Nele constam novamente descrições das publicações e missões de pesquisa já referenciadas nos relatórios anteriores. Moraes continuava a articulação para concluir sua primeira publicação centrada na história da Senegâmbia. Se dedicava ainda ao exercício de tradução, para o português, das obras africanas destinadas aos adolescentes: “Les deux Cocody”, “Awa la petite sarchante”, bem como a traduzir o documentário do *I Festival Panafricano das Artes e Cultura* (Fespac-1987).

Notamos, entre os documentos esparsos do arquivo de Nize, a existência de rascunhos destes referidos relatórios e eles nos revelaram a continuidade da pesquisa, sobre a Senegâmbia, ao longo da sua carreira de historiadora. O exercício de tradução se sobressaiu nos relatórios, como a tradução dos documentos da história da Senegâmbia, os documentos oficiais do FESPAC e a tradução de histórias africanas infantis para o português.

No idos de 1985, uma nota do Instituto Nacional de Pesquisas da Guiné Bissau, e assinada por Carlos Cardoso, dirigida à H. Amar Samb, ainda diretor do Ifan, apresentou mais argumentos para a parceria de pesquisa entre as instituições de Bissau e Dakar. Resumindo, Carlos Cardoso argumentou em prol da parceria contemplando a área de história contemporânea, mas também a área da proto-história e pré-história. O *Centro de Estudos de História Contemporânea* (CEHC) tinha como tarefa celebrar e empreender a coleta e um inventário das fontes de história escrita na Guiné no estrangeiro, assim como realizar coletas de testemunhos orais centrados na Luta Nacional, para organizar um arquivo sonoro.

Sabemos que, depois da pesquisa da Senegâmbia, a pesquisa em Bissau ganhou corpo nas atividades de Nize. O texto em defesa da parceria de pesquisa entre Senegal e Guiné Bissau é importante, entre outras razões, por sinalizar a participação de Nize em projeto de pesquisa referendado na metodologia da coleta das tradições orais associada e alinhada com a pré-história, sua outra área de interesse e apoio intelectual, no Senegal. Encontramos em torno de 18 artigos publicados por Nize, até o ano de 1983, e em sua maioria publicados dentro do *Bulletin de L’Ifan*, onde ela compôs o conselho científico. Ainda não localizamos, até o momento, estes artigos referentes à pré-história brasileira citado no relatório de 1982- 1985. O interesse pela pesquisa dos sambaquis apareceu mais de uma vez na documentação do Ifan.

Uma autorização de falta ao serviço, assinada pelo reitor Souleymane, concedida pelo Ifan a Nize, em abril de 1987, nos permite revelar que a historiadora esteve em missão de pesquisa, mais uma vez, em Lisboa (Portugal). No balanço das pesquisas realizadas entre os anos de 1987-1988, Moraes narrou que prosseguiu com as investigações sobre a documentação portuguesa relativa ao Senegal, à Gâmbia e a outras fontes dos países lusófonos da África. Alguns manuscritos e livros provenientes dos fundos francêss, portuguêss, espanhol foram selecionados, a partir da coleta de dados. Em segundo lugar, à luz do balanço das suas atividades, descreveu a missão efetivada no museu de Etnologia, quando realizou estágio por 3 semanas, um estágio que lhe propiciou aprender as técnicas de tratamento e de conservação das máscaras, dos metais e das madeiras em geral. Nas palavras de Nize este museu era pouco moderno e bem equipado. Havia quatro exposições permanentes: sobre o têxtil, do Timor, de Angola, e da Amazônia. Ainda em Portugal, no corrente ano de 1988-1989, participou de um colóquio sobre a História da África. Durante este curto período, 13 dias de outubro, fez fotocópias dos manuscritos portugueses, inéditos, que foram encontrados durante outra missão de Lisboa (entre 15 a 25 de fevereiro). Estas pesquisas compuseram o plano de publicação da tese relativa à História moderna do Senegal. Nize relatou o processo de preparação da tese para publicação, uma vez que corrigia os ensaios de uma obra com cerca de 750 páginas. Cerca de 56 documentos foram apresentados dentro desta obra acompanhada de fotografias, gráficos e cartas. A obra se apresentava em dois grossos volumes: primeira e segunda partes; terceira e quarta parte sob a rubrica do Ifan/UCAD, *Fondation Léopold Sédar Senghor* e a *Cooperation Belge/Senegal*. Além da publicação da tese, continuava a preparar a publicação de artigos.

Uma ficha de “*demande de logemen?*”, assinado pelo professor Hamady Bocoum, nos disse que Nize foi responsável pelo Laboratório de Antropologia Física do Ifan/UCAD em maio de 1999. Dois documentos do Laboratório de Antropologia Física da UCAD, escrito por Nize, em forma de relatório do seu posto de serviço, detalhou suas atividades entre 1995 e 2001. No período que compreende os anos de 1995-1996 Nize nos informou que os programas de pesquisa não sofreram mudanças. Ela esperava apoio institucional para seguir seu trabalho, sublinhando que esperava a aprovação do Ifan para seguir suas missões de pesquisa em Portugal e na República da Ilha de Cabo Verde, no ano de 1997, a fim de estudar a importância do comércio nas regiões costeiras senegalesas; destacou que enfrentou dificuldades para concluir a obra *À la découverte de la Petite Côte* no século XVII. Os tomos I e II foram publicados. No ano de 1997 estava terminando, com dificuldades, as correções, paginações, dos dois últimos tomos, isto é, tomo III (1664-1672) e IV (1672-1679). Outras publicações estavam previstas para este ano de 1997, dentro dos Estudos Africanos, tais como “A passagem de Dubois a Rufisque (1669)”. O artigo foi publicado em *Notes Africaines* Ifan/UCAD.

Reconhecemos que nossa narrativa não conseguiu indicar quais pesquisas Nize desenvolveu nos anos iniciais da década de 90, ainda não localizamos os relatórios com dados destes anos. Sabemos, entretanto, que a historiadora investiu seu tempo em organizar suas publicações, visto que o primeiro tomo da tese foi publicado em 1993, o segundo em 1995 e o terceiro e quarto tomos, reunidos na mesma obra, em 1998. Em julho de 1997, Nize

escreveu para o chefe do Departamento de Ciências Humanas da UCAD, Hamady Bocoum, avisando que preparava a publicação do quarto tomo da tese e seria importante realizar uma viagem de pesquisa ao Brasil. As pesquisas sobre o comércio entre as Ilhas de Cabo Verde, Guiné Bissau e Brasil, via Portugal, deveriam ser aprofundadas. A descoberta de fontes poderia lançar uma nova luz sobre a história da África, particularmente sobre a história da escravidão. Para realizar tal viagem Nize solicitava um bilhete de avião Dakar-São Paulo, via Cabo Verde, e 45 dias de missão de pesquisa para realizar seu trabalho nos arquivos.

Quanto à pesquisa que realizaria, relativa a Cabo Verde, Nize argumentou que a missão não foi realizada e fez algumas sugestões, de acordo com uma nota escrita para o Diretor Dibril Samb do já referido Ifan. Ela notificou que não realizou a sua missão de pesquisa em Cabo Verde devido à indisponibilidade do pessoal da Biblioteca para lhe fornecer documentos e afirmava sempre seu interesse em prosseguir esta missão de pesquisa, assim que as condições se tornassem favoráveis. Desejaria, então, levar a cabo a pesquisa em boas condições de saúde, que não lhe eram favoráveis naquele ano, em virtude de problemas cardíacos. A continuidade desta pesquisa dependeria ainda de uma nova avaliação e aprovação da Comissão de Pesquisa do Ifan.

Moraes se aposentou em 2003 no terceiro escalão, por não ter cumprido todas as categorias do quarto escalão, que começou a exercer em 1983. A nota, assinada pelo ministro da Educação, Mostapha Sourang, de 21 de fevereiro de 2003, referente a aposentadoria de Nize Isabel de Moraes, do Ifan, admitiu seus direitos à aposentadoria a partir de 1 de agosto de 2003. O salário de Moraes foi suspenso a partir de 31 de julho de 2003. Ela trabalhou oficialmente, como funcionária do Ifan, por 26 anos e dedicou-se ao Instituto por mais 7 anos como bolsista.

HISTORICIZANDO A REGIÃO DA *PETITE CÔTE* (SENEGÂMBIA)

Nos detemos nas páginas de agradecimentos do primeiro tomo da tese de Nize em razão de apontarem os seus esforços para empreender uma dinâmica política e acadêmica para além da rede de pesquisadores do Ifan. Notamos que, nas páginas dos agradecimentos do primeiro tomo, ela agradeceu uma lista de pessoas e nos tomos seguintes fez, novamente, homenagens para Thilmans e Senghor. Aqui o que nos importou foram seus dizeres porque já conhecíamos os homenageados, como a própria mãe, Corina Barbosa: “a minha mãe que me deixou e cujo grande amor sempre me encorajou durante estes anos de separação, eu dedico este modesto trabalho, com toda minha ternura”. Em nossa visão esta foi a homenagem mais emocionante diante da existência de outras cartas que explicitaram os “conflitos” entre mãe e filha por viveram, depois de 1966, apartadas pelo Oceano Atlântico. Traduziremos então toda página da dedicatória do primeiro tomo:

Ao governo e ao povo senegalês por sua ajuda, sua generosidade e hospitalidade; aos meus mestres: o professor Raymond Mauny, que

espero não lhe desapontar muito em um assunto que lhe é caro. Ao saudoso professor Yves Person, a quem presto homenagem e a quem agradeço, por me dar este trabalho. Ao professor Jean Devisse, cuja presença, entre os membros do júri, para mim teve uma grande significação; o professor Jean Boulège, que eu agradeço pelos conselhos que me deu concernente ao século XVII. Eu quero que eles encontrem aqui um testemunho de minha gratidão e da minha total simpatia. A Guy Raoul Thilmans, doutor em ciências, encarregado das pesquisas do Ifan-Cheikh Anta Diop, pelo ensinamento do qual eu sempre me beneficei ao curso dos anos passados ao seu lado. Sua preciosa ajuda me permitiu acessar todas as fontes de documentação na Europa. Eu também devo a ele a tradução de importantes documentos em holandês. A madame Lilyan Kesteloot, encarregada do departamento de Civilização e Literatura no Ifan-Cheikh Anta Diop. Eu também devo a ela a ajuda que ela trouxe para mim do governo belga para a publicação desta obra. Ao senhor Roger Roy, redator das publicações de ciências naturais no Ifan-Cheikh Anta Diop, graças a sua dedicação incansável, ele me ajudou na apresentação e correção dos ensaios deste trabalho. Meu reconhecimento e meus agradecimentos vão igualmente ao diretor, aos pesquisadores e ao conjunto de pessoal do Ifan-Cheikh Anta Diop, que eu considero como minha segunda família. Aos meus amigos senegaleses, franceses, belgas, portugueses, burquinenses, cabo verdianos, guineenses e brasileiros que me assistiram e me encorajaram. Meus agradecimentos a *l'Agence Belge de Coopération pour le Développement*, assim como a *Fondation Léopold Sédar Senghor*, que me permitiu a edição desta obra (Morales 1993, 3)

Estes agradecimentos nos impulsionaram a considerar, de fato, que Nize teve um segundo ombro amigo e intelectual da Bélgica no Senegal: a professora Lilyan Kesteloot. Por isso imaginamos, primeiramente, que a colaboração do governo belga, para publicação da obra de Nize, tivesse contado com a participação de Thilmans. Outra hipótese que surgiu no decorrer desta pesquisa era se Nize havia escolhido o tema da *Petite Côte*, tentando problematizar se a sua inserção no campo de estudo da Senegâmbia derivou de questões formuladas por ela ou dos interesses epistemológicos e históricos dos seus mestres. A forma como ela homenageia Yves Person e Raymond Mauny, nos parece responder tal inquietação, parece que ela foi incorporada ao grupo dos pesquisadores, composto por africanistas e africanos. “Le regretté professeur à qui je rends hommage et que je remercie pour m’avoir confié ce travail”. Na entrevista com o professor Paulo Farias ele falou da relação entre Nize e Kesteloot:

É uma pena que Lilyan Kesteloot tenha morrido, eu tenho a impressão que ela era uma pessoa bem chegada a Nize e, além do mais, trabalhava no Ifan e foi no Ifan que conheci Lilyan. E certamente continuou acompanhando Nize porque foi ela quem me deu o endereço de Nize, que me disse que Nize não estava bem de saúde. Ela tinha conhecimento recente de Nize. Ela era uma pessoa interessante, tinha vivido no Congo, quando o Congo era colônia belga, depois foi para Dakar, depois ensinou na França e fez um dos prefácios da *Petite Côte*. Você tem dois prefácios, o de Lilyan e o de Thilmans. Ela faleceu em 2018 e Cyr Descamps, também faleceu em setembro de 2021. (entrevista realizada em 7/12/2022)

Seguindo as introduções, rastreamos parte de suas análises e descobrimos que os textos introdutórios se repetem nas três obras intituladas *A la découverte de la Petite Côte*. Nestas introduções encontramos análises importantes referentes à metodologia e aportes teóricos. Encontramos uma explicação geográfica que nos permite entender a diferença entre *Grande Côte* e *Petite Côte*, um dado importante para quem desconhece a geografia do Senegal. A costa do Senegal desenha um ângulo e um lado é chamado de *Grande Côte*, que se estende desde a foz do rio Senegal até a Península de Cabo Verde, enquanto o segundo, frequentemente, chamado de *Petite Côte*, estende-se desta península até à foz da Gâmbia. Estas duas porções da costa começaram com um rio para se juntarem no que se transformou em aglomeração *dakaroase*. Linear, sem porto, nem ponto de água, a *Grande Côte* pertencia a dois reinos: o de Cayor, na maior porção de sua extensão, o de Oualo na foz do rio. Já a região da *Petite Côte* possuía, onde a barra era fraca, mesmo ausente, com a baía de Hann, um excelente lugar de ancoragem ao qual se juntou, por uma feliz conjuntura, um famoso balneário, situado no fundo desta mesma baía. Quatro estados terminam nesta baía: Cayor, Baol, Sine e Saloum (Moraes 1993, 19)

Ainda na introdução sabemos que os portugueses descobriram Cabo Verde em 1444 e foram quase os únicos a frequentar a costa senegalesa até que, por volta de 1540, os franceses começaram a comercializar por ali. Desde os finais do século XVI e ao longo dos três primeiros quartéis do século XVII os ingleses e, sobretudo, os holandeses, se deslocaram até a costa senegalesa continuamente. Estes últimos tinham estabelecimentos nos três principais portos da *Petite Côte* (Rufisque, Portudal e Joal) e ao que parece, desde 1627 ocupavam a Ilha de Gorée, perto de Cabo Verde. As diferenças entre a Grande e a *Petite Côte* entraram em jogo. A *Grande Côte* foi abandonada, com exceção da foz do Senegal, aliás mais frequentada pelos franceses depois de, por volta do primeiro terço do século XVIII, os holandeses terem optado pela Ilha de Arguim, situada mais ao norte, ao longo da costa da Mauritània. Na *Petite Côte* atracavam navios de várias nacionalidades, cujas tripulações vinham fazer comércio ou buscar água, madeira e alimentos frescos. Por outro lado, os franceses, depois de terem tomado Gorée (1677), praticavam uma política de monopólio comercial e procuravam expulsar navios de outras nacionalidades.

A originalidade da pesquisa de Moraes, como ela argumentou, se justificava em razão de nenhum pesquisador ter explorado a variedade de documentos para explicar a complexidade do caráter cosmopolita da região da *Petite Côte*. Em termos históricos, os séculos anteriores deram origem a vários trabalhos, entre os quais a tese de terceiro Ciclo, de Jean Boulège e os séculos seguintes seduziram outros pesquisadores, enquanto o século XVII ficou na sombra. Não só a maior parte dos documentos portugueses ou holandeses permanecia desconhecida, como também eram desconhecidas as diversas relações que os franceses estabeleceram para além do Cabo da Esperança, tendo feito escalas frequentemente em Cabo Verde e Rufisque. Enquanto as obras de Urban Souchu de Rennefort, de Carpeua du Saussay, de Lestra e de Dubois eram bem conhecidas pelos historiadores que trataram de Madagascar ou das Índias, eram desconhecidas as obras que tratavam do Senegal. Apenas a obra de Abdoulaye Ly constituiria um guia indispensável, resultado das pesquisas de arquivos.

A tese Nize lançou luz sobre o período da história da *Petite Côte*, que se estende do início do século XVII até a tomada de Gorée por J. D'Estrées, vice-almirante da França em 1677. Quanto às fontes manuscritas, muitas vezes foram escritas em língua estrangeira e uma tradução completa foi realizada por Nize. Além disso, tinha se inspirado, de forma modesta, nos trabalhos realizados por Henry de Castries para a história do Marrocos, ou A. G. Grandier para Madagascar. Se esforçou em reunir um maior número de textos possíveis e estes, com alguma exceção, não eram longos e permaneciam acessíveis. Tais documentos foram apresentados em uma ordem cronológica, não a partir da sua aparição (para as fontes impressas) ou de sua redação (para as fontes manuscritas) mas segundo as datas das passagens dos autores pela *Petite Côte*. Cada um dos documentos foi precedido por uma introdução destinada a informar o leitor sobre o conteúdo do texto apresentado e as circunstâncias de sua redação.

Para Nize, as apresentações dos textos eram de importância informativa ímpar e permitiam identificar, com graus de precisão variável, o evento que os autores/viajantes mencionaram. Em alguns casos, no entanto, a massa de documentos era extensa. Assim seria possível conhecer o pormenor de uma missão católica (a dos jesuítas portugueses), bem como uma capitulação (a dos ingleses em 1664), uma campanha de navios do rei (aquela de J. D'Estrées em 1670) ou cenas de uma companhia comercial (holandesa, das Índias Ocidentais)

Referindo-se a organização da tese explicou que as 1100 páginas foram divididas em quatro partes de acordo com os critérios de interesse principalmente da principal potência europeia em questão na época: as Províncias Unidas. A primeira parte compreendia o período de 1600 a 1621 (Fim da *Trégua de Doze Anos* e criação da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais), a segunda incorporou o período de 1664 (recuperação de Gorée por M. A. de Ruyter) até as duas últimas até 1679 (final do período holandês). Cada parte era precedida por um resumo contendo os principais acontecimentos da história europeia e suas repercussões na costa africana.

Entre os materiais esparsos, do arquivo desorganizado de Nize, constam traduções e partes dos documentos analisados por ela na tese e pelas suas referências intelectuais. Aqui transcrevemos e traduzimos parte das suas análises realizadas nas obras para criar reflexões centrais sobre a história da *Petite Côte* tanto quanto ideias que nos ajudam a compreender as críticas elaboradas pelo júri da sua banca de tese. No terceiro tomo da sua obra a apresentação dos documentos, referentes a descrição da *Petite Côte*, dentro da obra de Francisco de Lemos Coelho (1669), foi precedida pela apresentação dos documentos, na qual Moraes informou que a biblioteca Nacional de Lisboa possui dois documentos da segunda metade do século XVII, todos consagrados à descrição das Costas da Guiné.

Moraes elaborou uma síntese biográfica e da personalidade do viajante Francisco Lemos Moraes, o mesmo que apontou Guinala, localidade situada num afluente do Rio Grande, como o primeiro asilo que seus pais encontraram na Guiné como porto de refúgio:

Eles eram donos da mais bela e maior casa da Guiné no tempo deles. Ele menciona por outro lado que na sequência do surgimento de um desentendimento, trinta anos antes, entre o seu primo Cristóvão de Melo Coelho e o rei do país, este deixou a região para se fixar em Bolola e que os outros brancos o seguiram até lá. Como ele se lembra de outra parte que Bolola foi o primeiro canto que recebeu na Guiné, concluiu H. Pinto Rema que Lemos nasceu em Bolola. A hipótese parece pouco plausível, Coelho declarou - no final do capítulo que se dedica a Gâmbia - que se propõe a descrever o resto da Costa da Guiné que ele percorreu e onde residiu durante 23 anos (...). Ele teve uma vida independente e muito cedo deixou a casa do pai para se dedicar ao comércio de âmbar, referindo-se a ilha roxa (uma das Bissagos) onde começou a ganhar a vida “trocando por âmbar a roupa que usei ao sair da casa dos meus pais”. Sua estadia mais longa parece ter sido a Gâmbia, onde ele relata ter permanecido por quatro anos. Ai recusou, para não privar os seus compatriotas de um comércio de que o inimigo teria se beneficiado, a oferta do general inglês John Lad, que lhe concedeu todas as facilidades para explorar o Rio de São João, onde alegou que poderia ter um importante tráfico de cera, couro, negros e marfim. Esteve também em Casamance e em Geba, residiu em Cacheu e em Bissau, viajou por Bissagos, visitou Serra Leoa. Ele admite, francamente por outro lado, sobre a Costa entre o rio Nunez e a Ilha de Los, não ter ultrapassado a Serra Leoa, não ter ido ao Rio Senegal. Da mesma forma, ele relata de forma impessoal os acontecimentos que não presenciou. Na versão de 1669, relata ter passado 23 anos na Guiné. (Moraes 1998,151)

Nize esclareceu que duas descrições seiscentistas da Guiné de Francisco Lemos Coelho Lisboa foram publicadas por Damião Perez, 1953, e estes textos compuseram, originalmente, sua dissertação de mestrado apresentada em 1972, na Universidade de Paris, Sorbonne I. A dissertação teve como título *La Petite Côte d'après Francisco Lemos Coelho*, sob a direção dos falecidos professores Raymond Mauny e Yves Person.

Como anotou Moraes, entre os autores do século XVII, Lemos Coelho foi, de longe, o melhor conhecedor do país. As suas descrições da costa senegalesa contrabalançam as dos outros viajantes europeus que afirmaram, após uma estada de alguns dias ou algumas horas no porto, que as mulheres eram fáceis, o povo ladrão e o clima difícil:

Uma viagem da qual Le Maire reclamou, ao longo das três páginas, foi descrita por Coelho nestes termos: a estrada é agradável para suas numerosas aldeias plenas de animação e de abundância de vinho de Palma apreciado entre os brancos. Suas descrições se assemelham bastante às impressões que um homem branco do campo pode ter: admira os cavalos, o porte nobre das mulheres, a perícia dos ferreiros. Se obviamente aprecia o dinheiro, é o único a aconselhar a doação generosa, a admitir que os lucros reembolsam tudo, a pensar em terminar os seus dias na Guiné. (...) Coelho com objetividade e medida que poderia inspirar nosso tempo, escreve em seu prólogo a descrição: “deixando de lado o campo aberto aos estudiosos, também fui impelido a escrever este breve esboço pelo desejo de informar aqueles que

decidem se estabelecer em um dos portos desses muitos reinos, do que será necessário para eles, se eles são privados de capital, para adquiri-los em um número de ano proporcional à sua indústria e sua boa sorte. O melhor capital, para quem dele se priva, consiste em chegar cheio de bons hábitos de afabilidade, bondade e boas disposições. Eles conservarão na memória que são hospedes e forasteiros, que se encontram em países cuja soberania os negros não lhes concederam e também que, se estes são pagãos por não terem recebido as luzes da Fé, não deixam de ser muito cuidadosos em seus negócios, muito gratos pelo bem que lhes é feito, mas muito ressentidos com as ofensas que recebem. Acima de tudo, são muito liberais. Que eles não cortejem suas esposas, um crime grave que podem cometer; em muitos lugares isso lhes custaria a vida e riqueza em outro. (...) (Moraes 1998,152)

Nas palavras de Moraes a obra de Francisco Lemos Coelho tinha relevância por restituir um clima de prosperidade econômica, tanto quanto confirmava o desenvolvimento alcançado pelo comércio de couro. Os seus lucros beneficiaram os residentes de origem judaico-portuguesa, mas igualmente os soberanos e até os simples habitantes. No entanto, achou importante moderar as avaliações do autor considerando seu sistema de referências culturais e de sociedade. Em seguida, Moraes fez uma tradução da *Descrição da Passagem de Coelho* em 1684 na região da *Petite Côte*, argumentando que esta versão da passagem foi escolhida por apresentar riquezas de detalhes, sem, no entanto, ser considerada como um reflexo da situação na *Petite Côte* na data da sua redação.

A pesquisa de Moraes indicou que dos 79 anos de presença das potências europeias na Senegâmbia, 58 foram esclarecidos a partir da análise de vários documentos. Estes documentos tiveram importância desigual, mas alguns continham informações detalhadas sobre os costumes dos habitantes e referendou dados econômicos. O comércio de couro, por exemplo, ficou suficientemente conhecido, tanto que foi possível traçar sua evolução em um gráfico de exportação. As margens beneficiárias do comércio dos Europeus (português, holandês e francês) com os africanos foram avaliadas enquanto um exame dos arquivos da Companhia holandesa permitiu estimar a importância do tráfico negroiro.

Segundo Moraes, ela escolheu estudar a região da *Petite Côte* porque tal região se constituiu como um microcosmos das primeiras confrontações entre as potências ocidentais no continente africano. A prosperidade econômica da região baseou-se nas atividades comerciais e portuárias. Com a presença de navios de diversas nacionalidades a região constituiu uma atmosfera cosmopolita para os povos da *Petite Côte*, local onde falavam várias línguas não africanas. A atmosfera era caracterizada pela tolerância religiosa, a mistura racial, a proteção dos interesses estrangeiros, a importância do comércio e a habilidade dos africanos (Moraes1998, 381)

Como argumentou Moraes, as sociedades europeias eram mais evoluídas, em termos de técnica e economia que as sociedades africanas. A sociedade africana era caracterizada pela maioria de camponeses, vivendo uma economia agrária de autossustentação. As correntes de comércio transaarianos não mudaram tal situação. A população costeira de pescadores, agricultores e artesãos, fortemente diferenciada, impressionou os viajantes. Isto permitiu às diversas fontes de informação ter uma descrição muito variada desses

habitantes do seu vestuário, adornos, hábitos alimentares, armas, maneira de selar os cavalos. Moraes encontrou uma riqueza de observações relativas aos ofícios, o comércio entre as etnias e também os costumes (casamentos, nascimentos e enterros), as religiões (o islã aí já combatia as religiões de origem), os choques, os afrontamentos políticos dos reinos costeiros africanos (Moraes 1998, 382)

No prefácio do primeiro tomo da obra de Nize, Lilyan Kesteloot³, escreveu que, em 1993, ela considerava a obra de Nize importante porque os livros dos franceses, sobre o mesmo tema, estavam esgotados e se referiam principalmente ao século XIX, como era raro encontrar as obras de Cultru, Labat, Rochefort, Saint-Lô. Para Kesteloot os quatro volumes da obra de Nize poderiam ser vistos como uma mina de ouro de informações completamente novas, pois neles se encontravam fatos, episódios, anotações que enriqueciam o que sabíamos, bem como poderíamos confirmar informações que completavam as sínteses de Abdoulaye Ly ou de Jean Boulège. (Moraes 1993, 17)

Para Kesteloot os navegadores e comerciantes do século XVII poderiam ser vistos, verdadeiramente, como os primeiros turistas, como os primeiros jornalistas vindos da Europa. Estes não poderiam ser vistos como intelectuais do porte de Ibn Khaldoun ou René Caillié, mas tiveram sentido de observação quando descreveram a cola, o tráfico de âmbar cinzento ou o “ferro de Namur”. Como analisou Kesteloot os relatos dos europeus, homens de negócios, marinheiros, oficiais, militares, falavam sobretudo, deles mesmos frente ao evento do tráfico de escravos, por exemplo. Para a intelectual o livro de Nize era importante, naquele fim do século XX, tendo em vista as transformações metodológicas e conceituais da própria História, que deixou de valorizar fatos e datas para privilegiar a História dos povos e dos costumes. O livro constituía um período mal conhecido da história da África Ocidental e, com a ajuda analítica de documentos franceses e das tradições orais dos griots, seria possível construir uma obra na linha teórica de Le Roy Ladurie, Duby e Miquel, que defenderam o conceito de “carne da história”, sendo esta carne reveladora dos homens que viveram e fizeram história. (Moraes 1993, 17)

O primeiro tomo tem então dois prefácios, o segundo foi escrito por Guy Thilmans, outra referência intelectual e parceiro de pesquisa de Nize, tanto que, no segundo tomo, ela escreveu que sua obra esteve sob a direção de Guy Thilmans. Se voltarmos ao relatório de pesquisa, no qual Nize faz um balanço das suas atividades, realizadas entre 1983-1984, veremos que existiu a intenção de escrever um livro em conjunto com Thilmans. Nize e Thilmans publicaram vários artigos em conjunto no *Bulletin de l'Ifan*. Nas primeiras linhas,

³ Lilyan Kesteloot estudou autores africanos da literatura francófona, mas também se preocupou em entender as ligações com o mundo afro-americano. A autora se interessou por autores clássicos, como Léopold Sédar Senghor, Aimé Césaire, Emmanuel Dongala e Cheikh Hamidou Kane, assim como explorou a literatura feminina e também autores mais jovens, dialogou com as obras das escritoras Marise Condé, Fatou Diome e Gisele Pineau. Kesteloot escreveu um obra clássica intitulada *História da Literatura Negro Africana*. Aqui vale destacar sua obra nomeada *Césaire et Senghor, un pont sur l'Atlantique*, link: <https://www.casafrica.es/pt/pessoa/lilyan-kesteloot>.

do prefácio escrito por Thilmans, ele concordava com Kesteloot quanto ao caráter anedótico da tese de Nize, preocupada com particularismos históricos e curiosidade factual. O pesquisador nos revelou em seguida, que este lado factual foi criticado pelo júri da tese que acusou Nize de “faire du Cuoq”. Como se Nize tivesse imitado a metodologia de pesquisa de J. Cuoq, Thilmans considerou que esta crítica era duplamente injusta, porque achava o trabalho de J. Cuoq de grande utilidade e, para uma tese do terceiro ciclo, não considerava, necessário utilizar os clássicos *grands mouvements*. Os *grands mouvements* podem ser traduzidos como movimentos baseados em análises críticas dos documentos relativos a uma dada época, passando em seguida para a síntese. Já no fim do prefácio concluiu que não foi o tráfico que provocou a guerra dos marabus e sim a guerra que deu origem a *Petite Côte*, ao desenvolvimento do tráfico.

Relendo os documentos esparsos de Nize, e comparando os rascunhos dos prefácios do seu primeiro tomo com os prefácios publicados, percebemos que Nize suprimiu parte dos textos escritos por Kesteloot e Thilmans ou tal edição pode ter sido efetivada pelos dois pesquisadores belgas. Aqui destacamos mais ideias, encontradas nesses rascunhos, que nos ajudam a compreender a obra de Nize à luz da caracterização e evolução da historiografia da Senegâmbia e a partir das posições teóricas dos seus mestres. Entre os parágrafos suprimidos do rascunho do prefácio, escritos por Thilmans, localizamos um antigo conflito que nos permite aprofundar outra reflexão sobre o uso das fontes portuguesas. Thilmans começa o parágrafo argumentando que o capítulo relativo a *Petite Côte*, do jesuíta Balthasar Pereira, permite seguir, de maneira detalhada, as peripécias de uma missão católica. Em razão de uma abundância de documentos conservados, esta missão seria melhor conhecida do que as outras duas do século XVII: as dos capuchinhos franceses e dos frades espanhóis. E acrescentou um ponto de inflexão, ou uma crítica ao historiador Avelino Teixeira da Mota, que discordava desta leitura de Thilmans. Se referindo ao Avelino, Thilmans disse que ele havia considerado o capítulo da tese de Nize, sobre os portugueses, “longo demais e que o mesmo tinha interesse apenas para os portugueses”. Discordando de Teixeira da Mota, Thilmans acrescentou:

Para nos Teixeira da Mota enganou-se, com efeito, percebeu-se que o triunfo do islão, nesta parte da costa, era pelo fato de que todo o muçulmano que chegava a este país se esforçava para por em prática geralmente a sua atividade comercial e religiosa ao mesmo tempo. Já não era o caso dos residentes de origem europeia (euro-africanos) nem mesmo dos visitantes, que eram os padres envidados pelo Bispado das Ilhas de Cabo Verde, para visitarem seus correligionários. Quanto aos jesuítas, animados desta vez pelo zelo da conversão, cada vez em menor número, o que não lhes permitia triunfarem sobre seus antagonistas muçulmanos. Nota-se também a atitude muito rígida desses jesuítas exigindo, por exemplo, a destruição das estátuas dos ancestrais (Rascunho do prefácio da tese de Nize)

Por que Nize ou Thilmans recuaram na apresentação das críticas centradas na leitura de Teixeira da Mota no prefácio do primeiro tomo da tese?

Retomando a entrevista professor Paulo Farias salientamos que ele não conseguiu aprofundar, em entrevista, dados centrados na dinâmica da trajetória acadêmica de Nize mas mostrou-se um exímio conhecedor das produções da rede de pesquisa de Nize, além de defender que a pesquisa da *Petite Côte* é potente pelo poder de gerar outras reflexões, pesquisas, dissertações e teses:

Ninguém pode estudar a *Petite Côte* sem ler este livro. É uma obra indispensável. Seria uma loucura, um historiador, ou qualquer pessoa que queira se informar sobre esta região não ler este livro. É uma documentação preciosa. E toda no mesmo lugar, você compra este livro, coloca embaixo do braço e estuda, leva para casa, em vez de pesquisar em museus e bibliotecas espalhadas pelo mundo afora. E além disso, não é só a simples tradução, é a contextualização, ela procura adicionar coisas da biografia, de quem escreveu documentos, quando tem dados, quais tipos de atitudes políticas estavam seguindo. São livros que primeiro lhe dão muita informação e segundo sugerem perguntas novas que você próprio pode fazer a si mesmo e abrir suas próprias linhas de pesquisa. Esses livros duram muito porque eles não se esgotam em si próprio. Eles abrem caminhos para outras pessoas fazerem pesquisas novas a partir dali. É um livro importante, é uma coisa generativa (...) (Entrevista realizada em dezembro de 2022)

Os conflitos em torno de uma interpretação elaborada por pesquisadores portugueses, africanos e americanos latejavam na interpretação da temática do tráfico. Em diálogo com os relatos dos viajantes e historiadores, Boubacar Barry concluiu que a pesquisa de V. Godinho lhe permitiu concluir que o Senegal, diferente da Gâmbia, foi uma fonte de escravos.

Frequentemente, esquece-se de mencionar a importância dessa atividade do tráfico negreiro durante os primeiros anos da ocupação portuguesa na costa da África. De fato, o estudo recente de umas das primeiras tentativas de cana de açúcar, como mão de obra servil, na Ilha de São Thomé, revela a existência, ao longo do século XVI, de um tráfico de escravos com Arguim. Em 1600, Lavanha, observando as vantagens do comércio português no Rio, mencionava que os escravos representavam o essencial do tráfico. Os holandeses que, no primeiro quartel do século XVII, puseram as mãos nas colônias portuguesas, particularmente no Brasil do açúcar no Nordeste, precisaram continuar, no Rio Senegal, com esse tráfico de escravos, do qual se nota sua poderosa concorrência. Contudo é difícil explicitar a importância deste comércio; pode-se apenas observar que, em 1628, a carga tomada dos ingleses pelos dieepenses transportava cem escravos. Não se deve, contudo afirmar, que o comércio de escravos não constituiu muito cedo uma atividade importante, à medida que, como observa Abdoulaye Ly, a mão de obra negra desempenhava, logo na primeira metade do século XVII, um papel considerável na colonização das Antilhas (...) (Barry 2018,112)

Havia uma tendência em minimizar a importância da Senegâmbia no tráfico negreiro, mas um exame minucioso mostrou a antiguidade deste tráfico e sua permanência pela proximidade com as Antilhas. A obra de Philip Curtin, *The Atlantic Slave Trade*, tentou reduzir o número global de escravos vendidos para o Novo Mundo. Em 1790, um memorial apontou que a extração dos negros senegaleses era menos longa que a da Costa da Guiné. Barry afirmou que foi a rentabilidade da mão de obra que prevaleceu e uma deformação

racista foi atribuída ao que era, fundamentalmente, um fenômeno econômico. Resumindo, a escravidão não gerou o racismo. “O racismo foi antes a consequência da escravidão” (Barry 2018, 113)

Ibrahima Thioub dissertou as críticas apontadas pelos historiadores, afirmando que a fraqueza da tese de Curtin residiu no fato de que ele isolou a Senegâmbia de outras áreas envolvidas no comércio de escravos e se interessou pouco pelos aspectos qualitativos do comércio atlântico de escravos. Os historiadores dakaroases compreenderam que a dinâmica atlântica se tornou um fator central na evolução das sociedades da Senegâmbia, pela influência exercida sobre todos os aspectos na vida econômica, política e religiosa de suas populações. Por conseguinte, circularam várias versões sobre o significado do tráfico negreiro na Escola de Dakar. A abordagem nacionalista e cromática apontou um dedo acusador para as potências europeias, cuja desumanidade foi óbvia e, ao mesmo tempo, obscureceu a adesão das elites africanas ao tráfico atlântico de escravos. (Thioub, 2000, p.24)

Por conseguinte, analisaremos, a abordagem histórica impetrada pelo historiador Boubacar Barry para reconstruir - em sua dissertação orientada por Hubert Deschamps e Yves Person - a história do reino Waalo na tentativa destrincharmos outra crítica subentendida a pesquisa de Nize, no que concerne a exigência de narrar a história da África de um ponto de vista interior e a ausência de diálogo com a tradição oral. Boubacar Barry publicou a primeira versão da sua dissertação, sobre o reino de Waalo, em 1972. Em sua narrativa, a África não se submeteu ao seu “destino” de braços cruzados. Ele optou por realizar uma longa narrativa do Waalo, que vai de 1659 a 1859, pontuando ainda que uma das preocupações deste reino foi construir uma resposta ao “europeu conquistador”. Barry percebeu que a história do Waalo foi marcada pelo fator externo, pela chegada dos europeus e a evolução das suas necessidades comerciais. Daí sua necessidade em estudar a fundação da feitoria de St Louis, em 1659, como uma fase importante na fixação dos europeus na África, uma vez que o tráfico negreiro e o comércio da goma estabeleceram as relações do Waalo com os reinos vizinhos (Barry 2018, 50)

Com Barry aprendemos que apenas uma história global e interna das sociedades africanas permitiria o estudo do passado que deveria guiar e inspirar a construção do futuro, além disso, este estudo permitiria encontrar o efeito das respostas à generalizada conquista colonial. Ele recomendou, para o historiador, abandonar uma escrita da história calcada em outra história, mesmo que esta história tivesse gerado uma civilização brilhante. A partir desta abordagem fez críticas às narrativas históricas que fazem apologias das sociedades tradicionais africanas e negam o interesse histórico destas sociedades. Como defendeu Barry, a narrativa do fenômeno externo era de importância capital para a África, mas figurava como simples elemento para esclarecer a história interna do Waalo “Não temos de nos definir em relação aos outros, mas antes, de procurar em nossa história, corretamente colocada na evolução geral da humanidade, os propulsores de sua dinâmica interna”. Com seu estudo objetivou apreender as razões econômicas e políticas do atraso das sociedades africanas, as razões que deram origem aos preconceitos relativos aos povos africanos. Resumindo, seu estudo responderia a questão da estagnação econômica, política e social da África durante os quatro séculos que antecederam a conquista colonial. O pesquisador admitiu que seu objetivo, no

campo da pesquisa, ficou limitado em razão da escassez de documentos escritos para apreender a dimensão e a dinâmica interna do reino de Waalo.

A ausência de fonte para o período tratado por Barry, em seu estudo, está nos argumentos da tese de Nize. Nize não foi referenciada por Barry, que optou por uma referência mais antiga para o século XVII: o professor Jean Boulège, um intelectual com quem pôde estabelecer relações intelectuais frutíferas. Naquele contexto Barry recebeu a colaboração de Oumar Kane, Guy Thilmans, Abdoulaye Diop, Pathé Diagne, Muhamed El Chenaffi e Moctar Ould Hamidoun. Notamos que em 1972 Nize ainda não era referência bibliográfica, havia defendido apenas o mestrado. Como escreveu Barry, o Waalo se beneficiou de uma documentação escrita abundantemente para o período posterior às descobertas portuguesas. O período que compreende a fundação da feitoria de St Louis, 1659, à anexação, em 1859, foi privilegiado na história do Waalo enquanto as incertezas dos seus primórdios poderiam ser elucidadas pela tradição oral.

O permanente contato do Walo com as principais potências europeias, por meio do comércio Atlântico, permitiu a publicação de inúmeros relatos de viagens. Obras de compilação ou testemunhos diretos, esses relatos constituem hoje a fonte mais preciosa da história do Waalo. Os mais ricos em informações são os relatos de Claude Jannequin, senhor de Rochefort, em 1638; Dapper, em 1668; Chambonneau, em 1675; Barbot, em 1681; La Courbe, em 1685; Le Maire, em 1688; Gaby F.Y.B, em 1689; Pierre Labarthe, em 1784; Lamiral, em 1780; Xavier Gobery, em 1785; Jean Baptiste-Leonard Durand, em 1785; Geoffroy de Villeneuve, em 1785. (Barry 2018, 53)

A confrontação entre a tradição oral com os raros documentos escritos resultou na compreensão, por Barry, de que de uma maneira geral a tradição oral ignorava inconscientemente o fator externo, que foi a presença europeia em St Louis. Mesmo com a existência da tradição oral registrada por escrito, o historiador realizou três viagens de estudo no Waalo entre 1968, 1969 e 1970, visando completar a documentação, e visitou as aldeias Roos Beetyo, Ndiange, Richard Toll, Khuma, Dagana, Tungene, Garak, Ndeer, Roos e o país Trarza. Em sua análise ficou desapontado com a ausência de elementos novos referentes aos relatos de Azan, Yoro Dyaw e Amadou Wade que permaneceram como as principais fontes da tradição oral e, constatou, a partir do comportamento e das declarações de inúmeros informantes, uma “atitude histórica inconsciente” que mostrava que o Waalo ainda vivia no “coração dos homens”, com suas brigas internas e suscetibilidades herdadas do passado (Barry 2018, 58).

Para Barry o principal erro dos historiadores foi considerar as tradições orais como complemento dos documentos escritos. Em sua visão as tradições orais veicularam um discurso histórico manipulado pelas necessidades dos detentores da oralidade e o silêncio recaiu sobre a questão da participação dos africanos no tráfico de escravos. As tradições orais mencionaram, de vez em quando, o número de prisioneiros no curso das diversas guerras dos reinos senegambianos. A questão do tráfico negreiro foi reconstituída a partir dos arquivos e das relações dos viajantes europeus. A memória do sofrimento referente a deportação dos africanos, para o outro lado do Atlântico, ficou

conservada na América como objetivo de lutar contra a escravidão (Barry 2000, 40).

No plano do estudo interno da sociedade wolof encontramos a tese de Boubacar Ly, *L'Honneur dans la société wolof et toucouleur* e a obra de Pathé Diagne, *Pouvoir politique traditionnel en Afrique noire*. Barry confirmou que os relatos dos viajantes constituíram as fontes mais importantes para os períodos longínquos e trataram o Waalo apenas numa perspectiva comercial. Como exceção, citou o relato de Charbonneau, de 1673 a 1677, por constituir a história dos povos ribeirinhos do Senegal. Tais testemunhos não lhe permitiram aprofundar análises centradas nas instituições políticas e sociais, sobre a história interna do país. Os relatos não deram conta de caracterizar o conjunto da Senegâmbia, além de conterem informações confusas.

Ibrahima Thioub no artigo referente a historiografia da Escola de Dakar, argumentou que vários pesquisadores contribuíram para o dinamismo da Escola de Dakar, entre os pesquisadores destacou o nome de Nize Isabel de Moraes em nota de rodapé, assim como nomeou Charles Becker, Victor Martins e Guy Thilmans como aqueles que anotaram e publicaram diversos documentos e fontes da história da Senegâmbia. O que seria a Escola de Dakar? Ibrahima Thioub encontrou dificuldades em definir a expressão “Escola de Dakar”, um conceito presente nos escritos de Boubacar Barry (1988, 16-17). Entre os limites e a imprecisão do conceito admitiu que a Escola não se constituiu formalmente como um manifesto, um programa de pesquisa e com instrumentos metodológicos específicos, lançando assim mais indagações para refletirmos sobre a escola: bastou ter passado parte ou toda a carreira como pesquisador ou professor universitário em Dakar para fazer parte desta Escola? É possível estabelecer uma genealogia de todas as obras dos historiadores de Dakar para vinculá-los a uma tradição historiográfica específica?

Thioub afirmou que foi a partir de 1960 que professores e pesquisadores franceses, atendendo a fortes demandas e iniciativas próprias, revolucionaram a pesquisa em história da África ao se abrirem para a perspectiva de escrever a história da África a partir do interior. Estes intelectuais realizaram críticas ao conhecimento colonial e reconheceram as tradições orais como fontes para escrever a história da África. Yves Person, depois Catherine Coquery-Vidrovitch e Jean Devisse, tanto em Paris como em Dakar, contribuíram para a formação de gerações de historiadores. A Escola de Dakar contou também com as colaborações de antropólogos, como Claude Meillassoux e na mesma linha, os estudos realizados por Jean Boulège, Yves Jean Saint Martin e Christian Roche, entre os historiadores. Estas contribuições não se limitaram aos estudos das sociedades senegalesas na versão do africanismo francês, assumiu ainda a forma de uma análise crítica dos modos de produção da intelectualidade africana. (Thioub 2000, 2).

Como narrou Thioub, diversas razões históricas explicam a preponderância da influência francesa na Escola de Dakar em comparação com as outras escolas africanistas. Notamos que mesmo destacando o nome de Nize, entre os trabalhos da Senegâmbia, Thioub não acrescentou América Latina ou Brasil ao nacionalizar os pesquisadores e suas contribuições. A Escola de Dakar, na versão de Thioub, foi frequentada por investigadores das ciências sociais, especialistas da Senegâmbia: “africanos, norte-americanos e

britânicos”, que abriram novas perspectivas de pesquisa. Apesar deste problema relativo à nacionalidade, aqui sabemos que Nize teve, mesmo que de forma tímida, o reconhecimento dos pares em Dakar e, ao mesmo tempo, encontramos os argumentos para não enquadrá-la entre aqueles que provocaram rupturas na História Moderna do Senegal. No prédio do Ifan, inclusive, suas obras estão expostas e vendidas, entre outras referências bibliográficas, para o público acadêmico.

A escola de Dakar está ligada à fundação do Ifan e ao Departamento de História da Universidade de Dakar, que formou várias gerações de historiadores a partir dos anos 50, marcada pelo caráter multinacional e multidisciplinar. Os fundadores da Escola Histórica de Dakar produziram um corpo de trabalho relativamente forte e foi a crise política de maio-junho de 1968 vivida pelo Senegal e, concomitantemente, pela Universidade de Dakar, que provocou um primeiro questionamento a supervisão francesa sobre as instituições universitárias senegalesas. A maioria dos historiadores de Dakar continuou a receber sua formação de doutorado em universidades francesas, apesar da abertura gradual para universidades norte-americanas, onde muitos estudos referentes à história da Senegâmbia continuaram a ser realizados.

Ancorados no projeto nacionalista anticolonial, os historiadores de Dakar realizaram críticas aos ideólogos da colonização. Boubacar Barry, por exemplo, considerou a publicação de *Nations Negres et Cultures* de Cheikh Anta Diop e *La Compagnie du Sénégal* de Abdoulaye Ly como uma grande ruptura epistemológica na historiografia colonial. Os membros da escola de Dakar tentaram fazer da escrita um ato que exigiu um compromisso tão militante quanto profissional. Neste sentido, na obra de Cheikh Anta Diop, Ibrahima Thioub localizou que a convergência entre projeto político e pesquisa histórica permaneceu forte, tendendo a fundir os dois campos. Por outro lado, a pesquisa histórica relativa a um determinado período, espaço ou sociedade ocupou um lugar pequeno na obra de Cheikh Anta Diop. Mesmo em Cheikh Anta Diop foi possível registrar uma abundância de referências gregas e latinas.

Na narrativa de Cheikh Anta Diop encontramos a demonstração da existência de uma antiguidade africana anterior à da Grécia e de Roma, cujo modelo era dominante na produção historiográfica da Europa. Ele construiu uma narrativa reveladora das conquistas espirituais e materiais da antiguidade africana, assim como estabeleceu filiação às sociedades africanas dos tempos modernos e contemporâneos. O problema foi demonstrar, segundo os cânones do modelo historiográfico dominante, que a civilização que se desenvolveu, no vale do Nilo na antiguidade, foi obra de africanos da “raça negra”. Cheikh Anta Diop argumentou que a humanidade emergente no clima paleo da África Oriental só poderia ser pigmentada. Continuando na mesma lógica, mostrou que a civilização faraônica teve sua origem no vale superior antes de instruir mais tarde outras sociedades mediterrâneas. Por fim, defendeu a tese da unidade cultural da África ao estabelecer suas bases históricas ancoradas nas sociedades do continente no vale do Nilo e não no Saara “considerado primitivo” (Thioub 2000, 15).

Diferente de Senghor, Cheikh Anta Diop atribuiu “às línguas africanas um valor primordial como meio de acesso a modernidade”, o que criou uma oposição política entre Senghor e C.A. Diop, resultando na excomunhão de Diop da Universidade francesa e em sua marginalização na Universidade de

Dakar. A saída de Léopold Sedar Senghor (1960-1980) do poder e a sua substituição por Abdou Diouf contribuiu em grande parte para amenizar as relações de poder com Cheikh Anta Diop. Assim foram confiadas aulas no Departamento de História ao C. A. Diop, quebrando três décadas de isolamento do egiptólogo. Em 1982 a Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Dakar e Edições Sankoré, de Pathé Diagne, organizaram um simpósio para discutir as ideias do egiptólogo. Cheikh Anta Diop viveu uma curta experiência como professor, uma experiência que foi interrompida pela sua morte em 1986.

Ao analisar o caráter contraditório dos processos históricos, os historiadores de Dakar romperam com a história da África reduzida aos gestos dos grandes homens. Sem dúvida, localizamos estes limites na abordagem histórica da obra *A la découverte de la Petite Côte*, por narrar uma história política e econômica balizada nas ações do homem estrangeiro/europeu. Muito ciente da importância do uso das fontes orais na época em que escreveu a tese, Moraes argumentou que seu trabalho não utilizou dados obtidos pelo estudo das tradições, os quais constituíram um outro tipo de pesquisa relacionado às línguas e centralizado em outras diversas técnicas, cujas preocupações quase nunca coincidiam com as preocupações dos autores dos documentos de origem europeia. A princípio lemos este argumento de Nize como uma espécie de posição política e como uma espécie de defesa para preservar o texto original da tese. Os argumentos apresentados por Boubacar Barry, referente a dificuldade de extrair informações das tradições para explicar a influência do fator externo, nos acontecimentos da Senegâmbia, nos esclareceu a justificativa de Nize. A supervalorização do uso das fontes escritas na tese de Nize está traduzida na reflexão de Charles Becker. O historiador explicou que as fontes escritas foram privilegiadas em relação às fontes internas na reescrita da história da Senegâmbia. (Barry 2000, 33).

Neste artigo nos esforçamos para dissertar as críticas a partir das abordagens históricas que vigoravam no contexto, com o esforço de mostrar as transformações metodológicas e conceituais para a história da África. Num primeiro momento nos incomodamos com esta narrativa factual e abraçamos esta visão de que o texto de Nize é bastante anedótico, mas depois concordamos com Kesteloot e com Thilmans, quando argumentaram que a tese avançou em outras direções ao contemplar narrativas relativas aos costumes da Senegâmbia do século XVII. Nas homenagens aos intelectuais que contribuíram para sua carreira, apresentadas no prefácio da tese, Nize não se mostrou incomodada com os resultados da sua pesquisa. Por fim, sua abordagem privilegiou uma narrativa histórica preocupada em explicar os “intercâmbios recíprocos e de influências multilaterais” para história da *Petite Côte*, negligenciando um discurso histórico calcado na “repatriação da África”, como defendeu Joseph Ki-Zerbo (Zi-Zerbo 1999, 9).

Concluindo, defendemos que Nize não teve traços de simpatias pela história colonial, como não tiveram seus mestres e orientadores, também estudiosos da história europeia. Consideramos, inclusive, que Nize era antirracista, visto que analisava e criticava o crescimento do racismo na América. Era uma historiadora preocupada com o legado escravista e colonial ao pontuar, em seu *currículo*, os problemas educacionais e econômicos compartilhados pelo “Terceiro Mundo”. Ibrahima Thioub lançou uma questão fulcral para entendermos o momento político de escrita das pesquisas de Nize. Nas palavras de Thioub os primeiros historiadores de Dakar enfrentaram um grande desafio: escrever a história de acordo com os padrões acadêmicos desenvolvidos a partir das trajetórias históricas das sociedades europeias. Eis a questão formulada pelo historiador: seria possível, com os instrumentos e métodos da disciplina, então em vigor, escrever uma história da África credível para as autoridades acadêmicas da época? Conjecturamos que para Nize esta barreira parece ter sido quase intransponível, como se tivesse abraçado a primeira e única oportunidade para acessar o Instituto Fundamental da África Negra? Para entrar na Sorbonne?

REFERÊNCIAS

- BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio da História Regional. Brasil*; Amsterdam: South South Exchange Programme for Research on the History of Development (SEPHIS); Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) da Universidade Cândido Mendes (UCAM), 2000.
- BARRY, Boubacar. *O reino de Waalo, o Senegal antes da conquista*. Rio Branco: Nepan Editora, 2018.
- BECKER, Charles & DIOUF, Mamadou. “Histoire de la Sénégalie: une bibliographie des travaux universitaires”. In: *Journal des africanistes*, 1988, tome 58, fascicule 2. pp. 163-209.
- BRESCIA, Raissa. *África imaginada: história intelectual, pan-africanismo, nação e unidade africana na Présence Africaine (1947-1966)*. Tese do Programa de Pós Graduação em História da UFMG (2018)
- COQUERY-Vidrovitch, Catherine. L'historiographie africaine en Afrique. *Revue Tiers Monde* 2013/4 (n 216), p 111 à 127.
- CURTIN, F. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história geral. *História Geral da África*. Brasil/Unesco: Ministério da Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2010
- DESCAMPS, CY. “Hommage à Guy Raoul Thilmans”. In: *Outre-mers*, tome 89, n°334-335, 1er semestre 2002. L'électrification outre-mer de la fin du XIXe siècle aux premières décolonisations. pp. 683-687.
- MORAES, Nize Isabel de. *À la découverte de la Petite Côte au XVIIe siècle (Sénégal et Gambie)*. Dakar: Université Dakar, IFAN, Cheikh Anta Diop de Dakar, 1998. (tomo 3)
- ; *À la découverte de la Petite Côte au XVIIe siècle (Sénégal et Gambie)*. Dakar: Université Dakar, IFAN, Cheikh Anta Diop de Dakar, 1993. (tomo 1)
- NDIAYE, El Hadji Malick. Le musée Théodore Monod d'art africain: du fonctionnalisme ethnographique au formalisme esthétique. In. *Arte rupestre africain. De la contribution à la découverte d'un patrimoine universel*. Allemagne: Institut Frobenius, Université Goethe de Francfort-sur-le Main, 2017

- SCHLICKMAN, Mariana. *A introdução aos estudos africanos no Brasil: 1959-1987*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- , *Os argonautas do Atlântico Sul: Raimundo Souza Dantas e o nascimento da política externa independente nas décadas de 1950-1960*. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2020.
- THIOUB, Ibrahima. *L'historiographie de l'Ecole de Dakar, entre militantisme anti colonial et memoires. La quête d'une écriture professionnelle de l'histoire*. Franca Instituto de Estudos Africanos, 2000.
- ZI-Zerbo, Joseph. *História da África Negra*. Portugal: Publicações Europa-América, 1999.

(DES)FRAGMENTANDO UMA NARRATIVA SOBRE A VIDA ACADÊMICA DE NIZE

ISABEL DE MORAES, HISTORIADORA DA *PETITE CÔTE*

Artigo recebido em 28/02/2023 • Aceito em 23/05/2023

DOI | [doi.org/ 10.5216/rth.v26i1.75421](https://doi.org/10.5216/rth.v26i1.75421)

Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado